

O TIL

JORNAL LITTERARIO, E RECREATIVO.

Por seis meses
28000 reis.

Não ha nume-
ros avulsos.

PAGAMENTO ADIANTADO.

N.º 7 }

1874.

{ ANNO 1.

O TIL

O cultivo da Intelligenzia.

Dissipar as densas trevas da ignorância, esclarecer a razão e cultivar a inteligencia, esse dom sublime emanado da Divindade, é a gloriosa tarefa do homem sobre a terra. O homem não pôde ser feliz, não pôde viver, n'um mundo explendido de luzes e de harmonias e caminhar de fronte erguida na senda do progresso e da civilisação, sem ter primeiramente envidado todos os esforços à seu alcance para preencher essa tarefa.

A intelligencia humana não pôde conseguir explendidas e gloriosas victorias e conceber sublimes pensamentos, sem ser cultivada, porque ella é como o diamante que só tem brilhos depois de ser lapidado.

Trabalhar cultivando com afiúco as nossas acanhadas intelligencias, para que mais tarde podessem ellas abrir suas azas e alar seus vôos de condor no azulado espaço da sciencia, foi na verdade, a ardente aspiracão que sempre intumeceu-nos o peito, foi o bello sentimento que sempre alimentámos em nossos corações, e si assim não fôra, não tinhamos criado o *Til*, orgão de nossos pensamentos, que ainda não respiram os magicos perfumes das flores da illustração.

A estrada que percorremos acha-se alcatifada de cardos e espinhos, mas não nos importa, caminhamos sempre, porque é nesse mais vehementemente desejo que nosso trabalho attinja ao auge da perfecti-

bilidade e disponha no horizonte de nossa cara patria a aurora da nossa regeneração intelectual.

A esperança, essa filha do céo, esse anjo de candida, azas guia nossos debeis e vacillantes passos na senda que trilhamos, e temos o sol glorioso da inspiração illuminando com os seos brilhantes raios as nossas frontes juvenis.

Caminha mocidade! é a voz de Deus echoando na immensidão do espaço, é a phrase que temos escripta numa das folhas do livro de nossas almas, é o que nos murmura aos ouvidos a saúda e perfumada brisa da aurora, é o que nos dizem as flores que ornam as margens da estrada que trilhamos, é emfim, o brado que soltam as estrelas que recamam o manto azul do céo de nossa patria.

Como não caminhar?...

Caminharemos sim, até que chegemos às regioes do futuro, ahí entao rasgar-se-hão para nós novos horizontes e modularemos a epopeia de gloria pelo triumpho alcançado.

Mas qual será esse triumpho?... Sem dúvida o do maior aperfeiçoamento das nossas intelligencias.

Assim o indifferentismo não lavre no seio da sociedade catharinense; assim o desalento não desfalleca em nossos peitos a vontade que temos de trabalhar cultivando as letras patrias, nem o gélido sopro do scepticismo murche as melicas esperanças, que alimentámos em nossos corações, e poderemos ser no futuro útil à nós e à patria.

VARIÉDADE

AVENÇURAS SENTIMENTAIS
DE UM FLORISTA DE UM ESTUDANTE

PASSADAS NO RIO DE JANEIRO
Com licença de Arsia Housay,
TOMO FABRIO.

(Continuação)

IV

A D. ALBERTINA

«Oh, Albertina!

«Pelo céo ou pelo inferno, por Júpiter ou por Plutão, responde-me! Teu gracejo é errado; não te rias do meu amor, Albertina, não te rias do amor que tens ainda vinte annos! O amor, o amor é o sonho encantador do sonno da mocidade!

(Três páginas escriptas n'este estylo.)

«Albertina! Albertina! não me fas morrer de desespero! se devo morrer na flor dos annos, ó Deus, seja meu tumulto o teu coração! — «Adolpho.»

«Meia-noite.»

V

Albertina ficou algum tanto comovida com a leitura d'esta carta, e a todas as suas amigas mostrou este modelo de sentimentos e de estylo.

Responder, foi a sua primeira idéa; mas com tanto medo ficou da sua má ortographia, que afinal tambem teve medo de sua virtude.

—Ora, diz ella, que espere.

Mas, esperando Adolpho, zangado com esse barbarismo, não se lembrava do seu segundo anno.

Até na aula de desenho, em vez de desenhar projecções, pintava floristas no proprio Roret.

No segundo dia, veiu-lhe um accesso de espirito, e escreveu esta carta, que é um chefe-d'obra de bom senso:

VI

A D. ALBERTINA

«Não passas de um namoradeira minha juiz; deixa este todo da filalga que te não fica bem, não te cubras com os farrapos de tua virtude, que não são boa capa; deixa pois de mostrar tanto rigor comigo, que tenho domesticado outras mais ferozes; se não te prenda algem fio de ouro a outro feliz mortal, vóa á meos braços, e érd que serei por seis semanas.

«Teu escravo—Adolpho.»

VII

AO SR. ADOLPAO

«Senhor,

«Sou filha da Parahybá do Sul, e não vim de tão longe por sua causa. Suas cartas já me aborrecem; quando deixará o senhor de ser ridículo?

Quem pensa o senhor que sou eu?

«Albertina.»

VIII

Ao ler esta carta, Adolpho pulou da cama e por pouco não deu com a cabeça no tecto do sotão.

—E minha! gritou elle, atirando o cigarro pela janella.

IX

Queridinha,

«Quem pensa o senhor que sou eu, perguntaste-me.

«Penso que serás minha esta noite, no largo do Rocío.

«Nada mais te digo—Adolpho.

X

AO SR. ADOLPHO

«Fique sabendo, senhor que não

costumo ir a entrevistas, para acabar com isto, que já me aborrece, irá hoje a tarde, pedir-lhe que me deixe em paz. Que aborreço em tio! — Albertina.»

XI

D. ALBERTINA VAI PEDIR AO SR. ADOLPHO
QUE A DEIXE EM PAZ

A tardinha, depois da luz do sol, antes da luz do gaz, a menina Albertina apareceu como um meteoro no largo do Rocío para pedir ao Sr. Adolpho que a deixe em paz; ella estava n'sta tarde mais melancólica e mais casquilha que nunca. Adolpho, que havia parado diante de uma casa de charutos, onde se vê cigarros, phosphoros, charutos e uma linda héspanhola por preços moderados, correu ao seu encontro e sentou-se com ella em um dos bancos mais retirados de baixo de uma copada arvore.

Albertina descerrou os carmíneos lábios para falar de sua virtude; mas Adolpho, que n'esse dia estava espirituoso, fechou essa rosa boca, — sem duvida com um beijo? dirão VV. EExs.; — não sei.

(Continua.)

POEZIAS

VERSOS.

A TI.

Nos teus labios de rosa — eu bêbo a vida à luz dos olhos teus — morro de amores; a Deus — peço por ti — quando estás longe... a ti — peço um olhar — quando appareces. —

Oh! pallida visão dos meus sonhares, porque deixas pender a fronte bella n'umas scismas febris que te-intristecem?... Não vês? — Prostrado, eu choro ás tuas plantas, orvalhando-as co'as lagrymas ardentes lagrimas de coração que tahte te ama, te-pedindo um olhar, uma palavra, um sorriso de amor?....

Naufrago lasso, fugindo aos temporâes do mar da vida, onde acharei um porto, um céo sereno?... porto — em-teu coração, — céu — nos teus olhos! Não vês? — Amo-te tanto!... e tu suspiras,

e pendes; scismadora, a fronte bella n'umas scismas febris que te-intristecem e te-esqueces de mim, que tanto te-amó, que, prostrado a teus pés, choro e supplico um olhar, um sorriso, uma palavra!...

Naufraguei nos parcess do mar da vida... procurei um porto onde me-abrigue ás iras do rôo temporal do sofrimento...

um céo sereno que me-anime e ampare nas luctas d'alma co' pungir das dôres... dá-me esse porto o céu... abre-ma os braços... dá-m-me um olhar dos teus... ampara o naufrágio que só no teu amor—almeja um porto...

Si em teus labios de rosa — eu bêbo a vida, si à luz dos olhos teus — morro de amores, ai! paga-me este amor que me-levará, que mata um coração — que tanto te-amá...

Novembro, 10. — 74.

NESUN SIME

— — — — —
SILENCIO !...

Amo na vida o silêncio é só o que posso amar, o silêncio, pois, me faz do passado recordar.

Amo a lua que se expande na serra, no bosque, no val, amo, pois a minha terra esse meu berço natal.

Amo do brejo araponga também amo sabiá amo a coruja tristonha, em alta noite a pia'!

Amo a barca que além corre nas ondas do alto mar! amarei tambem o ermo, quando nelle eu habitar!

Amo a tarde que me faz dos amores... recordar, nem que eu queira já não posso de prazeres mais gozar.

Amo o vento quando bate nas folhas do bananal, amo a brisa quando passa, nas sombras do coqueiral.

Amo a barca, já ao longe
tristemente a navegar,
debaixo dos céos azues
em cima do alto mar !

Amo a gaivota na praia,
também amo o tangará,
é passaro muito lindo
que nestas matas não há !

Amo a barca quando longe
se acha no extenso mar,
sem uma afagem ao menos ;
que lhe faça navegar !

Amo a flor que no jardim
pela manhã linda está !
e a tarde co' o sol posto,
porque não heide eu amar ?

As flores de um jardim
nunca se deixa de amar,
amemos, pois, essas flores,
e eu a quero adorar.

Meu coração já não pôde
de prazeres mais gozar,
hoje só amo o silencio
nada mais eu posso amar !

Amei tambem a donzella,
como o peixe ama o mar !
amei.... sim, mas ella quiz
meu amor repudiar !

Mas antes que eu soffresse
o triste golpe fatal,
esqueci-me desse amor,
que levou o yendaval !

Amei tudo nesta vida,
já não posso mais amar.
hoje quero no deserto
minha existencia findar !

Novembro 14, — 74.

A. S. NEVES.

ACROSTICO

► tala casta donzella,
► entei amar-te com paixão /
► rranca-me destas dores,
► eva-me ao teu coração /
► mo-te casta donzella.

M.

ACROSTICO.

► firmeza para mim não tens
► rainha dos meus amores,
► mente com amor puro
► zo jardim por entre flores,
► com olhar de falsa amante
► nscreveste n̄ meu peito
► silencio de amor constante,
► hóro o amor que te dei,
► mar-te... nem mesmo eu sei !

F.

CHARADA EM QUADRO.

(Premeia-se o decifrador.)

E' do reino vegetal
E domina o coração;
Da mulher quadra gentil.
E dever do bom christão.

Catharino.

CHARADA.

Era de polvilho, } 2
Chamavão de coruja, }

Conceito.

Tendo sido bem enfeitada
Servio de pão por Deos,
Para dar a NAMORADA.

O ROSA...

Typographia do CONSERVADOR,
rua do Ouvidor esquina da do Impera-
der.